

comum num mundo pretensamente racional como o que habitamos – de traçar limites para o que se cria: cada poeta nos abre um oceano de outras diversas vozes que navegam as páginas nas quais Rio Grande, como cidade-estuário, é lugar também de passagem, tão efêmera e eterna, tão diversa e una quanto as nossas identidades sempre em construção.

Nas páginas que se seguem, aprendemos a caminhar pelo esfumado das fronteiras, aprendemos que Rio Grande é mãe de muitos filhos e filhas, de quem aqui nasce e de quem aqui chega e decide ficar. Vemos que Rio Grande é muitas, muitas vozes. Navegamos passados, presentes e futuros de forma nada linear. Reunimos memórias, mitos, geografias, sentidos, corpos, raízes, palavras, movimentos. Mergulhamos no que de nós em nós se esconde e atentamos para o que fora de nós sequer deveria existir, mas se faz cotidiano. Fazemos caminho, caminhando nas imagens que outros partilharam conosco para que fossem também nossas. Nos damos conta de que talvez nós também sejamos *de versos*.

De labirintos e espirais é um convite à (re)descoberta de si e da poesia.

Giliard Barbosa



PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

A publicação de *De labirintos e espirais* – Sete poetas de Rio Grande revela, em primeiro lugar, a força da palavra poética a nos dizer que é possível resistir em tempos como os atuais, tão duros, ásperos e plenos de obscurantismo de toda ordem; em segundo, apresenta um conjunto de sete vozes que, situadas ao Sul, refletem poeticamente sobre o ser e o estar no mundo, com todas suas implicações [...]

Carlos Alexandre Baumgarten

de labirintos e espirais

SETE POETAS DE RIO GRANDE

de labirintos e espirais

SETE POETAS DE RIO GRANDE

Lena Fuão

Daniel Baz

Aimée G. Bolaños

Danilo Giroldo

Daniela Delias

Sérgio Carvalho Pereira

Juliana Blasina



PATUÁ



PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

De labirintos e espirais: o livro que temos ao alcance dos olhos nos provoca enigmas já em suas primeiras palavras, antes mesmo que viremos a página. Sem as amarras linguísticas de uma predefinição, somos levados desde aí a certa espécie de pórtico que nos convida a transitar por universos em que se rarefazem os limites do espaço e do tempo. Alguns de nós, conhecedores de Jorge Luis Borges, podem antever, nessas imagens, o turbilhão de sua Biblioteca infinita. Se o labirinto nos remete ao sem-fim das passagens, as espirais nos convidam – e aqui falo de uma possibilidade entre muitas – à resignificação constante dos caminhos que, percorridos, se fazem palimpsestos diante dos olhos, sob os pés: uma vez tendo transitado por entre esses versos, vamos descobrindo mundos outros no retomar de nossas próprias pegadas, ao recuperar os rastros que se deixam entre as palavras pelas quais indubitavelmente desejaremos passar outra vez.

Contrastando com a abertura simbólica e abstrata do título, a inscrição que se segue a ele vem a contrapeço, conferindo uma maior concretude e ancorando a leitura de sujeitos como eu, mais agoniados. Situados diante de sete poetas, ousamos prever o que nos aguarda. Somos também situados geograficamente: Rio Grande é, afinal, porto de referência das vozes que se anunciam. Engana-se, porém, quem se deixa levar por essa primeira tentativa – tão